

Best-seller do *The New York Times*

KATHERINE CENTER

A GUARDA-COSTAS



KATHERINE CENTER

A GUARDA-COSTAS

Tradução
Marcia Blasques



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Katherine Center, 2022. Publicado originalmente em acordo com o St. Martin's Publishing Group.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Copyright da tradução © Marcia Blasques, 2023

Todos os direitos reservados.

Título original: *The Bodyguard*

Preparação: Ligia Alves

Revisão: Fernanda Costa e Ricardo Liberal

Projeto gráfico e diagramação: Nine Editorial

Capa: Olga Grlic

Adaptação de capa: Camila Senaque

Ilustração de capa: Katie Smith

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Center, Katherine

A guarda-costas / Katherine Center; tradução de Marcia Blasques. - São Paulo:
Planeta do Brasil, 2023.
320 p.

ISBN 978-85-422-2070-4

Título original: *The Bodyguard*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Blasques, Marcia

23-0393

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAPÍTULO 1

O DESEJO DA MINHA MÃE EM SEU LEITO DE MORTE FOI QUE EU TIRASSE FÉRIAS.

— Faça isso, sim? — disse ela, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Agende uma viagem e vá. Como as pessoas normais fazem.

Eu não tirava férias fazia oito anos.

Mas respondi:

— Tudo bem. — Do jeito que se faz quando sua mãe doente pede alguma coisa a você. Então, como se estivéssemos negociando, acrescentei: — Vou viajar no feriado.

Claro, na época eu não tinha percebido que ela estava morrendo. Pensei que estivéssemos apenas tendo uma conversa no meio da noite, no hospital. Mas de repente era a noite depois do funeral dela. Eu não conseguia dormir, e ficava virando de um lado para o outro na cama, e me lembrando daquele momento. O jeito como ela me olhara nos olhos e apertara minha mão para selar o acordo – como se tirar férias fosse uma coisa que importasse.

Agora eram três da manhã. As roupas que usei no funeral estavam dobradas sobre uma cadeira. Eu estava tentando dormir desde a meia-noite.

— Tudo bem. Tudo bem — falei em voz alta, na cama, para ninguém.

Então me arrastei de barriga pelas cobertas para pegar meu notebook no chão e, sob a luz azul da tela, com os olhos semicerrados, fiz uma pesquisa rápida por “passagem de avião mais barata para qualquer lugar” e encontrei um site que tinha uma lista de destinos sem escala por setenta e seis dólares. Rolei a lista como se estivesse jogando na roleta, chegando aleatoriamente em Toledo, Ohio – e cliquei em “comprar”.

Duas passagens para Toledo. Não reembolsáveis, pelo que eu entendi. Algum tipo de pacote para apaixonados no Dia dos Namorados.

Feito.

Promessa cumprida.
O processo todo durou menos de um minuto.
Agora, eu só precisava me obrigar a ir.

■ ■ ■

Mesmo assim, eu não conseguia dormir.

Às cinco da manhã, quando o céu começou a se iluminar, desisti. Peguei todos os lençóis e cobertas da cama, enfiei tudo dentro do closet, me encolhi de lado nesse ninho improvisado no chão e finalmente apaguei na escuridão sem janelas.

Quando acordei, eram quatro da tarde.

Dei um pulo, em pânico, e saí cambaleando pelo quarto – abotoando a camisa errado e batendo com a canela no estribo da cama –, como se estivesse atrasada para o trabalho.

Mas eu não estava atrasada.

Meu chefe, Glenn, tinha dito para eu não ir. Na verdade, tinha me *proibido* de aparecer. Por uma semana.

— Nem pense em vir trabalhar — ele dissera. — Fique em casa e chore.

Ficar em casa? E chorar?

Sem chance de eu fazer isso.

Sobretudo porque – agora que eu tinha comprado aquelas passagens para Toledo – eu precisava encontrar meu namorado, Robby, e obrigá-lo a viajar comigo.

Certo?

Ninguém vai sozinho para Toledo. Especialmente no Dia dos Namorados.

Tudo parecia muito urgente no momento.

Em outro estado mental, eu teria simplesmente enviado uma mensagem pedindo que Robby passasse em casa depois do trabalho, e o convidaria de maneira bem agradável para vir comigo. Depois de um jantar e bebidas. Como uma pessoa sã.

Talvez esse tivesse sido um plano melhor.

Ou teria levado a um resultado melhor.

Mas eu não era uma pessoa sã naquele momento. Eu era uma pessoa que tinha dormido dentro do closet.

Quando cheguei ao escritório naquela tarde – bem quando o expediente estava terminando –, meu cabelo estava só meio penteado, minha camisa meio dentro da calça e, no bolso do blazer que eu usara no funeral, ainda guardava o programa da cerimônia com a foto da formatura do ensino médio da minha mãe dobrado ao meio.

Acho que é estranho ir trabalhar no dia seguinte ao funeral da sua mãe.

Eu tinha pesquisado, e a licença mais comum por falecimento de parente era de três dias, embora Glenn tivesse me obrigado a tirar cinco. Outras coisas que eu pesquisei na minha noite insone tinham sido: “como vender a casa de seus pais”, “coisas divertidas para fazer em Toledo” (uma lista surpreendentemente longa) e “como vencer a insônia”.

Tudo isso para dizer: eu não devia estar ali.

Foi por isso que hesitei na porta de Glenn. E foi como acabei bisbilhotando sem querer – e escutei Robby e Glenn falando sobre mim.

— Hannah vai ficar P da vida quando você contar para ela. — Foi a primeira coisa que ouvi. A voz de Robby.

— Talvez eu obrigue você a contar para ela. — Aquele era Glenn.

— Talvez você queira repensar tudo isso.

— Não há nada a repensar.

E foi o suficiente. Abri a porta.

— O que você vai repensar inteiramente? Quem vai me dizer o quê? Por que, exatamente, eu vou ficar P da vida?

Mais tarde, eu me olhei no espelho e consegui ver exatamente o que os dois viram naquele momento em que se viraram ao ouvir minha voz – e vamos dizer que envolvia olhos vermelhos, metade do meu colarinho amassado embaixo do blazer e uma quantidade significativa de maquiagem do dia anterior borrada nos olhos.

Alarmante.

Mas Glenn não ficava alarmado facilmente.

— O que está fazendo aqui? — disse ele. — Vá embora.

Ele tampouco era muito acolhedor.

Marquei meu território na porta com uma postura agressiva.

— Preciso falar com Robby.

— Você pode fazer isso fora do trabalho.

Ele não estava errado. Estávamos praticamente morando juntos. Quando não estávamos trabalhando, quero dizer. O que era a maior parte do tempo.

Mas o que eu devia fazer? Esperar no estacionamento?

— Cinco minutos — barganhei.

— Não. Vá para casa — ordenou Glenn.

— Preciso sair de casa — falei. — Preciso de alguma coisa para fazer. Mas Glenn não se importava.

— Sua mãe acabou de morrer — lembrou ele. — Vá ficar com sua família.

— Ela *era* minha família — respondi, com cuidado para manter a voz estável.

— Exatamente — falou Glenn, como se eu tivesse dado razão para ele. — Você precisa passar pelo luto.

— Não sei como fazer isso — confessei.

— Ninguém sabe — Glenn rebateu. — Quer um manual?

Olhei bem para ele.

— Se você tiver um.

— Seu manual é: *Dê o fora daqui*.

Mas neguei com a cabeça.

— Eu sei que você acha que eu preciso... — hesitei por um segundo, sem saber exatamente o que ele achava que eu precisava fazer — ficar sentada e pensar na minha mãe, ou seja lá o que for... Mas, honestamente, estou bem.

— Então, acrescentei: — Nem éramos tão próximas. — E nem era mentira.

— Vocês eram próximas o bastante — Glenn respondeu. — Cai fora.

— Só me deixe... arquivar coisas. Ou algo assim.

— Não.

Eu gostaria de poder dizer que Glenn – com a constituição de um tanque e a careca cheia de sardas, como se alguém tivesse salpicado alguma coisa nela – era um desses chefes que pareciam mal-humorados, mas que, lá no fundo, tinham boa intenção.

Mas, em geral, Glenn só tinha boa intenção para com Glenn.

E Glenn claramente havia decidido que eu não estava em condições de trabalhar naquele momento.

Eu entendia.

Tinha sido um período estranho. Eu mal chegara em casa depois de uma missão em Dubai quando recebi a ligação do pronto-socorro, dizendo que minha mãe havia desmaiado enquanto atravessava a rua.

De repente eu estava chegando ao hospital, e descobri que ela não conseguia parar de vomitar e que não sabia em que ano estávamos ou quem era o presidente. Então chegou o diagnóstico de uma médica com batom nos dentes de que minha mãe estava no estágio terminal da cirrose – e tentei argumentar com ela:

— Ela não bebe mais! Ela não bebe *mais*!

Naquela noite, fui até a casa dela para pegar suas meias felpudas e sua manta favorita, e descobri o estoque secreto de vodca. Esvaziei freneticamente até a última garrafa na pia da cozinha e abri a torneira para disfarçar o cheiro, pensando o tempo todo que meu maior desafio seria fazê-la mudar de vida.

De novo.

Presumindo que ela tivesse mais tempo. Como todos nós sempre temos.

Mas ela se foi antes que eu pudesse compreender completamente que perdê-la era uma possibilidade.

Era demais. Até mesmo Glenn, que tinha a inteligência emocional de uma britadeira, entendia isso.

Mas a última coisa que eu queria era *ficar em casa e pensar a respeito*.

Eu ia convencê-lo a me deixar voltar ao trabalho mesmo que isso matasse a nós dois.

E então eu ia convencer Robby a viajar comigo para Toledo.

Depois, talvez, apenas talvez, eu conseguisse dormir um pouco.

Em um movimento agressivo que desafiava os dois a me impedirem, entrei no escritório e me sentei na cadeira vazia diante da mesa de Glenn.

— Sobre o que vocês estão falando? — perguntei, mudando um pouco de assunto. — Estão em reunião?

— Estamos conversando — disse Glenn, como se soubesse que eu tinha escutado.

— Você não conversa, chefe — comentei. — Só faz reuniões.

Robby, bonito como sempre, com os cílios negros emoldurando os olhos azuis, me encarou como se eu tivesse destacado um bom ponto.

Durante um segundo, fiquei apreciando sua beleza. Minha mãe tinha ficado tão impressionada no dia em que o apresentei para ela.

— Ele parece um astronauta — disse ela. E estava totalmente certa. Ele também tinha o cabelo bem curto, dirigia um Porsche e era extremamente confiante. Tudo o que um astronauta tinha de melhor e de mais sexy. Minha mãe ficou impressionada por eu namorá-lo. Para ser honesta, eu também estava impressionada comigo mesma.

Robby não era só a pessoa mais descolada com quem eu já tinha namorado – ele era a pessoa mais descolada que eu já *conhecera*.

Mas não era essa a questão. Eu me volvei para Glenn.

— O que, exatamente, você ia fazer Robby me contar?

Glenn suspirou, como se dissesse *Acho que vamos ter que fazer isso*. Então falou:

— Eu ia esperar até que você... — ele me analisou — ... pelo menos tivesse tomado um banho... mas estamos abrindo uma filial em Londres.

Franzi o cenho.

— Uma filial em Londres? — perguntei. — E como isso pode ser uma notícia ruim?

Mas Glenn continuou falando.

— E vamos precisar de alguém para...

Ergui a mão.

— Eu vou! Eu consigo! Estou dentro!

— ... organizar o escritório e estabelecê-lo no mercado — completou Glenn. — Por dois anos.

Alô? Londres? Ir para Londres com um projeto imenso que exigiria tanta dedicação ao trabalho que nada mais importaria durante dois anos inteiros?

Danem-se as férias. Estou dentro.

Só de pensar nisso, o alívio tomou conta de mim como ondas: *Um projeto de trabalho que apague minha vida de um jeito que possa me distrair de todos os meus problemas para sempre.*

Sim, por favor.

Mas foi quando notei que Robby e Glenn estavam me olhando de um jeito estranho.

— O que foi? — perguntei, olhando entre os dois.

— Vai ser um de vocês dois... — disse Glenn e, então, gesticulou entre mim e Robby.

Claro que ia ter que ser. Eu era a protegida que Glenn vinha treinando havia anos, e Robby era o figurão sexy que ele tinha roubado da concorrência. Quem mais estaria na disputa?

Eu ainda não entendia qual era o problema.

— E isso quer dizer que — Glenn prosseguiu —, aquele que não for vai precisar ficar aqui.

Mas esse era o tanto que eu amava meu trabalho: nem mesmo a perspectiva de uma separação de dois anos do meu namorado me incomodava. Tipo nadinha.

E isso também era quão desesperada eu estava para voltar a trabalhar.

— Vou anunciar a decisão sobre Londres depois do Ano-Novo — disse Glenn. — Até lá, vocês dois considerem que estão competindo pelo posto.

Não havia competição. Eu ganharia o posto.

— Está tudo bem — falei dando de ombros, tipo *E daí?* — Já competimos antes. — Acenei com a cabeça na direção de Robby. — Nós gostamos de competir. E dois anos não é tanto tempo assim, não importa quem vença. Podemos dar um jeito, certo?

Se estivesse prestando mais atenção, poderia ter notado que Robby estava menos ansioso em relação a tudo aquilo do que eu. Mas eu estava um pouco desesperada demais naquele momento para pensar em qualquer outra pessoa que não fosse eu mesma.

Eu tinha medo de sentir o impacto total de perder minha mãe. Estava apavorada de ficar presa em casa sem nada para me distrair. Eu tinha concentrado toda a minha atenção em uma rota de escape – preferivelmente em um país distante – o mais rápido possível.

Na semana seguinte, Robby e eu teríamos uma missão de três semanas em Madri juntos, mas eu não nem tinha certeza de como conseguiria aguentar até lá.

Primeiro eu tinha que sobreviver aos dias restantes da minha licença por luto.

— Pelo que eu tinha escutado — falei, gesticulando na direção da porta —, pensei que fossem más notícias.

— Essa não era a má notícia — disse Robby, olhando de relance para Glenn.

Olhei para Glenn também.

— Qual é a má notícia?

Glenn se recusou a hesitar.

— A má notícia é que vou tirar você de Madri.

Em retrospecto, o fato de eu aparecer no escritório daquele jeito — toda desequilibrada, sem dormir e desesperada — provavelmente não estava ajudando. Talvez eu devesse ter imaginado que isso aconteceria.

Mas não imaginei.

— Me tirar de Madri? — perguntei, pensando que devia ter ouvido errado.

Robby estava olhando fixo pela janela.

— Tirar você de Madri — confirmou Glenn e acrescentou: — Você não está no estado de espírito adequado.

— Mas... — Eu nem sabia como protestar. Como eu poderia dizer *Essa é a única coisa que tenho pela qual esperar?*

Glenn enfiou as mãos nos bolsos. Robby ficou olhando pela janela.

Por fim, perguntei:

— Quem você vai mandar no meu lugar?

Glenn olhou para Robby. E então disse:

— Vou mandar Taylor.

— Você vai mandar... Taylor?

Glenn assentiu.

— Ela é a nossa segunda melhor — disse ele, como se isso pudesse pacificar a questão.

Não pacificou.

— Você vai mandar minha melhor amiga e meu namorado em uma viagem e vai me deixar sozinha por três semanas? *Dias* depois da morte da minha mãe?

— Eu pensei que você tivesse dito que vocês duas não eram tão próximas.

— Eu pensei que você tivesse dito que nós éramos próximas o suficiente.

— Olhe — acrescentou Glenn —, isso é o que as pessoas chamam de decisão profissional.

Balancei a cabeça negativamente. Isso não ia dar certo.

— Você não pode me tirar do trabalho de campo e desfazer todo o meu sistema de apoio. Essa viagem é minha. São meus clientes.

Glenn suspirou.

— Você vai da próxima vez.

— Quero ir dessa vez.

Glenn deu de ombros.

— Eu quero ganhar na loteria. Mas não vai acontecer.

Glenn era o tipo de cara que acreditava que a adversidade só torna a pessoa mais forte.

Precisei de um minuto para respirar. Então falei:

— Se Taylor vai na minha viagem, para onde eu vou?

— Para lugar nenhum.

— *Lugar nenhum?*

Ele confirmou com a cabeça.

— Você precisa descansar. Além disso, todos os outros lugares estão ocupados. — Ele verificou no notebook. — Jacarta está ocupada. Colômbia está ocupada. Barein. Aqueles executivos de empresas petrolíferas nas Filipinas. Todos ocupados.

— Mas... o que eu vou fazer?

Glenn deu de ombros.

— Ajudar aqui no escritório?

— Estou falando sério.

— Começar a tricotar? Fazer um jardim de suculentas? Se preocupar com seu crescimento pessoal? — Glenn prosseguiu.

Não, não, não.

— Você precisa de um tempo de folga. — Ele se manteve firme.

— Eu odeio folga. Não quero folga.

— Não se trata do que você quer. Trata-se do que você precisa.

O que ele era? Meu terapeuta?

— Preciso trabalhar — falei. — Eu me saio melhor quando estou trabalhando.

— Você pode trabalhar aqui.

Mas eu também precisava fugir.

Agora eu sentia uma vibração de pânico na garganta.

— Ei. Você me conhece. Sabe que eu preciso me mexer. Não posso ficar sentada aqui e... e... e *marinar* em toda a minha tristeza. Preciso estar em movimento. Preciso ir a algum lugar. Sou como um tubarão, sabe? Sempre tenho que me mover. Preciso de água nas brânquias. — Minhas mãos gesticularam na altura da caixa torácica, como se eu estivesse mostrando onde minhas brânquias ficavam. — Se eu ficar aqui — disse, por fim —, vou morrer.

— Bobagem — rebateu Glenn. — Morrer é muito mais difícil do que você pensa.

Glenn odiava quando as pessoas imploravam.

Eu implorei mesmo assim.

— Me mande para algum lugar. Qualquer lugar. Preciso sair daqui.

— Você não pode passar a vida toda fugindo — comentou Glenn.

— Sim, eu posso. Posso completamente.

Eu podia dizer pela expressão dele que tínhamos chegado a um impasse. Mesmo assim, eu ainda tinha como brigar.

— E aquela coisa em Burkina Faso? — perguntei.

— Vou mandar Doghouse.

— Tenho três anos a mais do que Doghouse!

— Mas ele fala francês.

— E aquele casamento na Nigéria?

— Vou mandar Amadi.

— Ele está aqui há menos de seis meses!

— Mas a família dele é da Nigéria. E ele fala...

— Tudo bem. Esquece.

— ... iorubá e um pouco de ibo.

Essa era a questão crucial. Glenn tinha uma reputação a proteger.

— Vou mandar você — disse ele, como se o assunto estivesse encerrado — quando for uma missão adequada. Vou mandar você quando for o melhor para a agência. Nunca vou mandar você em vez de alguém mais qualificado.

Estreitei os olhos na direção de Glenn, como se o desafiasse a lutar comigo.

— Não tem ninguém mais qualificado do que eu — falei.

Glenn olhou para mim, usando seus poderes bem afiados de observação como uma arma.

— Talvez sim, talvez não — ele concluiu. — Mas você enterrou sua mãe ontem.

Eu o encarei.

Ele prosseguiu.

— Sua pulsação está elevada, seus olhos estão vermelhos e sua maquiagem está borrada. Seu discurso está acelerado e sua voz está rouca. Você não penteou o cabelo, suas mãos estão trêmulas e você está sem fôlego. Você está acabada. Vá para casa, tome um banho, coma alguma coisa reconfortante, lamente a morte da sua mãe e depois arranje algum maldito hobby... porque eu garanto uma coisa: nem por cima do meu cadáver você vai a algum lugar enquanto não der um jeito na sua vida.

Eu conhecia aquele tom de voz. Não discuti.

Mas como, exatamente, eu devia voltar ao trabalho se ele não me deixava voltar ao trabalho?

C A P Í T U L O 2

EU JÁ EXPLIQUEI COMO GANHO A VIDA?

Em geral, tento adiar isso o máximo possível. Porque, assim que souber – depois que eu realmente falar o nome da profissão –, você vai presumir um monte de coisas a meu respeito... e todas elas estarão erradas.

Acho que não faz sentido evitar.